

A Química e a Geração de 70

"A Química é uma ciência moderna". Esta afirmação era frequentemente feita, sem correr perigo de contestação, nos fins do século XIX. Com efeito, Lavoisier tinha sido guilhotinado, com 51 anos, cerca de um século antes, mais precisamente, em 1794.

Foi esta ideia que nos levou à curiosidade de procurar saber como a chamada "Geração de 70" encarou a nova ciência, uma vez que alguns dos seus membros se interessaram vivamente pela divulgação, a nível nacional, dos conhecimentos literários, artísticos e científicos da época.

Entre esses membros são de destacar Eça de Queiroz e principalmente Ramalho Ortigão, pela acção pedagógica que, por meio de "As Farpas", procuraram realizar. No que respeita a Ramalho, essa "história alegre da vida burguesa" estendeu-se por perto de 17 anos. A colaboração de Eça, como é sabido, é mais curta e encontra-se publicada autonomamente sob o título de "Uma Campanha Alegre". Talvez por ser mais curta, não encontrámos nessa Campanha qualquer referência, qualquer interesse pelo assunto, que ora nos ocupa.

Não deixam, contudo, de ser dignos de transcrição dois períodos da extensa crónica "As meninas da geração nova em Lisboa e a educação contemporânea": "Entre nós, nenhuma senhora se dá às sérias leituras da ciência. Não da profunda ciência (o seu cérebro não a suportaria), mas mesmo dos lados pitorescos da ciência..." Estávamos nos princípios de 1872...

Com Ramalho, tudo é diferente. Os mergulhos, nem sempre felizes, no mar da Química, são vários e de teor variado.

Poderia o título do primeiro volume de As Farpas – "A vida Provincial" – levar-nos a desistir de nele procurarmos algo que pudesse interessar à busca que empreendíamos. Mas atravessavam-se, no Douro, os difíceis anos do ataque das vinhas "pelo phylloxera" (sic) e Ramalho, preocupado, não só em descrever, em comentar, mas também em aconselhar e em ensinar, refere com bastante pormenor e discutindo-os, os seis métodos então usados no combate do temível insecto. Desses métodos, os dois primeiros, únicos de natureza química, consistiam na injeção da terra por sulfureto "de carbone" (sic) e na lavagem por sulfocarbonato de potássio. É curioso fazer notar que na literatura actual ainda são reconhecidas as propriedades de insecticida do primeiro e de anti-filoxera do segundo.

Mas é no segundo volume de As Farpas – As Epístolas – que a incursão de Ramalho Ortigão no domínio da Química se faz com mais destaque. É então que o seu espírito, o seu humor cáustico vem à superfície, não poupando, não propriamente a Química, mas os químicos dum modo geral e um em especial, roçando mesmo, no que a este respeita, as fronteiras da deselegância.

Vejamos:

A primeira epístola é deposta "aos pés interinamente reais de vossa alteza". Interinamente explica-se por ser então D. Carlos regente, na ausência de D. Luís.

Principia por referir a notícia, recentemente divulgada, sobre uma projectada viagem do príncipe ao estrangeiro, com o fim de completar o tirocínio da sua educação. Ramalho teria então pensado que ele próprio e Eça, na sua qualidade de "Vieiras e Bernardes do ciclo do rei Luís", não deixariam de ser convidados para acompanhar, como tutores, o herdeiro do trono.

Segue-se uma série de judiciosos mas profundamente irónicos conselhos sobre a educação que deveria ser dada ao príncipe cuja leitura recomendamos vivamente ao leitor.

Finalmente, os dois autores de As Farpas recebem a notícia, pelas gazetas: tinham sido preferidos "pelo nefando químico sr. António Augusto de Aguiar" que iria levar D. Carlos ao estrangeiro "como quem leva uma retorta".

Mas demos a palavra a Ramalho:

"Um químico, senhor! como se disséssemos um perfumista desaproveitado! um baldroqueiro de drogas! um troquilha de líquidos de laboratório, nojosos e peçonhentos! Além disso um gordo descomunal, um gordo inverosímil! um destes gordos que não passam às alfândegas sem que as apalpadeiras venham e ponham o visto!... e que vossa alteza, em justa satisfação da curiosidade dos povos, se há-de ver forçado a exhibir à avidez do público na feira de S. Cloud ou na feira "*au pain d'épices*", a dois sous por cabeça.....

Ele de mais a mais usa uma luneta forrada de cauchú...

E é este homem que vai ser o real olheiro de vossa alteza... Um olheiro de galochas de borracha na vista!

Um olheiro que vai para ver tudo, e que a si mesmo se não viu nunca senão até metade do ventre, porque da outra metade até aos pés principia para o seu raio visual o hemisfério do grande indecifrável, do eterno incognoscível!.....

E todavia é possível que o venerável sábio venha a abusar um pouco do algebrismo técnico da ciência que tão gloriosamente professa, e que, quando vossa alteza o consulte sobre o *menu* da sua ceia no café Anglais ou sobre o governo do seu *cob* na Avenue des Potins, ele lhe responda pela fórmula $KO+2SO_3$, ou $KO,2SO_3$, a qual fórmula não é precisamente a da elegância mais garantida, posto que seja, sem questão alguma, a do bissulfato de potassa" (sic).

Não ficam por aqui as incursões de Ramalho Ortigão nos domínios da Química. Poder-nos-emos ocupar, eventualmente, de mais algumas, noutra oportunidade.

Raul Torcato Barroca